

# COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 16

## PARTE LITTERARIA

### Divagações ácerca do poema épico

(Continuação.)

A realidade de nossas asserções comprovão-se nessés tantos monumentos de gloria, que atravessão o marasmo e o indifferen-tismo e chegão até a posteridade, completa-se nesse estudo rapi-do talvez, porém que resumindo as epochas patentea um ou outro livro, que equivale a expressão ás veses de um povo e ás veses de um seculo.

A *Eneida*, a epopéa do immortal Virgilio, apesar de seus se-nões, é, sem duvida alguma, o primeiro livro do seculo de Augus-to. Elle offusca com epopéa a Tito Livio e ao lyrico Horacio. A *Gerusalemme Liberata* de Tasso é o grito do christão saudando as grandes crusadas e contando a formosura de uma *Herminia* que ahi apparece como *Dido* no poema de Virgilio. *Paraíso per-dido* de João Milton, o *Uruguay* e *Caramuru* valem todos e *chacun pour soi* os encomios dos seculos.

A *Henriade* de Voltaire apesar de todos os defeitos, apesar de ser a epopéa menos epopéa tem sido objecto de attenção e estudo. Será ou não uma rasão clara e concisa a deducção que tirar-se desse facto. Será ou não uma prova do merecimento da epopéa esse estudo que a faz cada vez mais bella? Estamos convictos que sim, porque se pelo estudo deparamos os *senões* e as *irregulari-*

*dades*, encontraremos as bellas que offuscarão todos os erros e todas as faltas,

*Illiada* e *Odyssea* representão a Grecia, a *Eneida* Roma e cada um per si poderá mostrar nos *in-folios* muitos documentos e juizos em prol da epopéa.

O lyrismo de Orpheu equivale ao comico do author da *Batra-choyomachia* porém é inferior dos cantos aos seus poemas épicos; um idyllio de Gesner ou Pope tem um valor ás vezes de sublima-do merito, é por que o pensamento humano attinge ao ápice de seus vãos, é o mais das occasiões o momento em que o espirito adeja em os horisontes da poesia.

Se graves defeitos, si erros contra a unidade da acção ou conne-xão hão tirado o *maravilhoso* e o effeito á epopea, contudo essa mesma falta de gerra e arte é um ensino, e esse desfecho pouco sensivel uma lieção.

A *Ulyssea*, *Caramuru Oriente*, e *Villa Rica* valem mais do que todos os poemas descriptivos e do que todos os versos de Bernardes e Sá Miranda (em quanto poeta satyrico) não só pelo custeio dos materiaes urgentes para confecionar a epopéa, como porque nem todos os artistas são peritos e aptos para um tal obra, como porque nem todos os materiaes são adequados e nem todos proprios.

Mandai caiar um edificio gothico, ou pintar de azul ou amarello um terraço mourisco e tereis uma obra de *modernos*

## OS MISERAVEIS VERDADEIROS

### Romance original

DE

MANOEL ANTONIO MAJOR

PARTE PRIMEIRA

VIII

Elisa

(Continuação do numero antecedente).

Ha uma cousa que devemos anticipar antes que o leitor por ella nos pergunte e dest'arte teremos os caracteres da previsão, o que nos honra muito hoje e o que talvez nos levasse as fogueiras no tempo dos sortile-gios e feitiçarias. Por que rasão Elisa não fugia desse antro?

Responderemos que vontade não lhe faltou porém o *querer* é acto secundario do *poder*, com tudo ella *podia querer* sem que pudesse executar o que desejava; varias vezes esse passaro procurou adejar seu vôo para longe de tão immunda gaiola, mas além de tal não poder fazer, apesar de poder querer, motivos tão inperiosos como este a retinhão indecisa. Se fugisse onde iria só, ignota?

A *Salpetriere* e S. *Lasaro* erão phrases, que de continuo lhe murmura-va no ouvido a Argus, que a vigiava.

Jupiter lograva Acrises chegando-se até Danae por meio d'uma chuva de ouro; Jason conseguiu frustrar a perspicacia do dragão roubando o

*Thosão d'ouro*, Elisa estava preza entre a indecisão e a vigilancia sem prever coitada o immenso perigo, que crescia sobre sua cabeça.

Um homem embuçado tivera em voz baixa uma conversa extensa com Margarida, e sahira depositando em suas mãos uma bolsa cheia de ouro, thezouro que a dissoluta mensalina contava con affinco, e que causava uma tortura inexplicavel a joven donsella.

— Elisa, disse de repente com voz guttural Margarida, acabas de ga-nhar uma posição social.

Um punhal gravado no peito de Elisa não cauzaria tanta dor como essas phrases. Pobre victima, cuidava vêr nellas o calvario, e as lagri-mas saltarão de subito.

Porque chorais, Elisa? acaso tendes amor a esse antro, e a esses trapes sendo moça, bella e altiva? Enchuga essas lagrimas, porque tua vida vai ser um paraizo, terás carros, sedas, lacaios e adoradores, e em vez de teres por mãe uma velha pobre e de te chamares Eliza, possuirás um ma-rido, que vos amará. Não penseis que vos quero atirar no lodo ou no vi-cio! Não; quero-vos dar um esposo rico e nobre, que encobrirá os vossos infortunios, as vossas lagrimas com uma felicidade perenne e com um luxo sem igual.

Abstrahir peça por peça a totalidade da miseria, e comparar julgando ella com esses sonhos doirados, é por certo um enlevo poetico, e Elisa foi arrebatada do chão humido para as phantasticas regiões da felicidade, e cuidou sonhar vendo-se livre do vicio, casada, rica e adorada, seus olhos procurarão o céu como congratulando-se da vida nova, e correndo para essa mulher com quem antipathisava, exclamou chorando:

Se me tirais daqui eu vos abençoarei.

Era um quadro digno de admiração o vêr-se Eliza debulhada em la-grimas, abençoando aquella que procurava vendel-a. Assim é a sociedade



gothico e nusulmano. E' porisso que algumas epopéas não tem preenchido cabalmente sua missão, é por isso que a *Confederação dos Tamoyos* não adopta-se as *regrinhas* da arte e não vale quanto valeria uma epopéa preparada segundo a *arte*; nós não porém nunca um reparo conveniente e adequado ao edificio querêmos nem todos os *preceitos* da antiguidade, nem todos os coloridos da escola classica, queremos a reforma mas que esta seja em ordem.

A reacção de 22 trouxe os *Suspiros Poeticos*, *Ultimos Cantos* e outras produções, porém ainda não vimos cousa que nos servisse no genero fallado. Apareceu o poema *Sete de Setembro*, poema que não foi lido por que segundo disse-se « o auctor foi muito brasileiro, » poema sobre o qual mais tarde emittiremos o nosso juizo critico.

Paremos aqui, basta de divagações.

Temos fé no porvir e acreditamos que a actualidade não deixará de colher dados para erguer na estrada litteraria mais um poema épico que sirva de historia e espelho das acções grandiosas. Assumpto ha desde o Prata ao Amasonas; e desde a descoberta do Brasil até nós, heróes sombrião desde o guerreiro que resistio ao Portuguez até o valente bahiano da Independencia, e desde o indio até o filho da cidade. Em vista de tantos petrechos só falta o artista, elle que appareça, que como Byron gritaremos: *Away*.

MAJOR.

## Uma artista

OFFERECIDO A' JOVEN AGOSTINHA.

Dizer que a arte não floresce em nosso paiz é negar-se a perfectibilidade do visível, e tactear-se nas trevas; não distin-

e quantas vezes não vemos o cordeiro lançar olhares tão ternos para seu matador, é porque nessa inexprimivel representação o bello expandia-se no colorido exacto de suas fórmulas: era a personificação da gratidão no espirito.

Margarida, com eloquencia de Circe, enganou a joven Eliza com o florido de sua imaginação, pintou-lhe em todos os grãos a elevada posição, que adquiria na sociedade, comparou adrede a felicidade, os innumeros prazeres; e como toda a mulher a candida filha do duque de Niemen achou-se nesses enlevos da phantazia, sua alma procurou na condição universal para a existencia do finito esse encantado paraizo, onde a boa fortuna deparava-lhe uma existencia condigna á innocencia que lhe era intrinseca, e nesses arroubos sonhando anticipadamente os fulgores de um matrimonio já cuidava-se senhora em uma habitação onde dominasse, imaginava-se espesa de um fidalgo velho, conde e rico, que amasse-a de joelhos, e digamos para sua bondade, o fim desses sonhos conduzia a prece, esse anjo de ante-mão agradecia ao Eterno esse futuro mais maravilhoso do que esse presente, e mais agradável do que esse preterito; é porque a alma bem constituida recorda-se já no alysmo, já na prosperidade desse Deos, magnifico em sua intensidade, extenso em sua misericordia,

Na tarde desse dia Seuthro entrou nesse telonio austero e severo; porém com aquella austeridade, que caracterisava o malvado, e severo como um hypocrita representando o seu papel no scenario social. Encaminhou-se para Margarida com o passo firme, e lançando um olhar terno para Eliza, que como a violeta occultava-se em um canto longe como essa flôr dos raios abraçadores do rei dos astros, disse com um sorriso nos labios:

— Senhora, o momento approxima-se: venho aqui pedir a mão de

guir-se donde emana o florescimento é tambem reconhecer-se culpado e iniciado nos mysterios do erro.

Conhecer, porém, os esforços dos artistas e o indifferentismo do povo, vêr o desanimo do artista e o torpor das turbas é ter bases para deserever os quadros da actualidade.

Se a arte é digna de bons auspicios nunca esteve em peiores bases do que actualmente, se o artista é credor da gratidão publica nunca mereceu mais do que hoje.

Agostinha! Tu és a distincção que executei, és a devota da arte, que depondo nas aras os votos, tens trabalhado para conseguir o fim que almejas. O publico, despertado do seu lethargo, tem presenciado teus esforços e não se tem conservado na espectação, elle, quando não seja totalmente grato não é inteiramente ingrato, e deſ'arte tem espargido applausos e flôres — uns e outros dignos de ti. —

Breve serão os tempos de tua gloria geral, em que para engrandecer-te irão os homens cingir sobre tua fronte a corôa de artista, e sobre a fronte do teu distincto mestre a corôa de gloria!

Não és a primeira artista do universo, como já te classificarão; porém assevero-te, Agostinha, que és melhor e mais artista do que quanta *artista* tem pisado o solo brasileiro.

Porém, qual a razão porque não tens uma aceitação conveniente e geral do publico? A resposta é facil de se dar.

O teu nome não sôa bem aos nossos ouvidos, muda-o para outro, que na sua pronunciação seja necessario revolver-se bem a lingua; dizê que és filha de Inglaterra, França, Russia, Turquia, etc., e depois vê o effeito.

Porém, magestosa artista, que importa! Se o teu nome será lido nas paginas da historia como *portento* da natureza e como

M<sup>lle</sup> Eliza, para mim ultimo tronco da illustre casa dos Kranhs, arvore assaz conhecida nos fastos da vetusta Sarmareia.

A coruja, como bem se sabe, ama a escuridão, e quando em antro negro algum raio do sol penetra em suas negrentas cavernas, ella foge espavorida lançando gritos de terror; pois bem, Margarida ao ouvir o pedido polido e cortez do fingido conde de Kranhs fingiu-se assustada, e recebeu attonita, entre-abriu os labios e disse:

Mas, Sr. conde....

Seuthro, que com ella ensaiava essa comedia, encaminhou-se para Eliza, que tremia assustada, e dobrando o joelho expoz em termos anciosos, vehementes e arrebatadores o seu pedido, expandiu seu amor em vocabulos tão ardentes que a joven Eliza foi seduzida como outr'ora Eva.

E' inutil prolongarmos: sejamos breve para, como Horacio, não nos increpar a nós mesmos. Um mez, dia por dia, hora por hora, o Sr. conde Iran Kranhs, fidalgo russo, ex-coronel do exercito e condecorado com a Legião de Honra, esposava em S. Germano d'Auxerrois a joven Eliza na presença de um immenso concurso, que admirando a belleza da noiva concluia que o fidalgo assaz nobre da Russia não fôra infeliz na sua escolha, e que sua acção meritoria era um tanto egoista, um tanto egoista para quem desconhecia o fim directo desse matrimonio, cujo externo era bello por ser o brilhantismo do bem, porém assaz interesseiro e vil para quem visse nelle um acto heliondo: um homem ali estava, em cujos labios entrevia-se o sordido riso da descrença: Era Freutry, isto é, o unico que conhecia o plano assaz terrivel, que Seuthro desenvolvia com tanta habilidade, para si agradável e terrivel para o duque de Niemen, cuja ruina cavava, e admirando-a considerava-o um Semi-Deos.

Era um Semi-Deos, porém do vicio.

FIM DA PARTE PRIMEIRA.